

O Despertar do Dragão
O Nascimento do Imperialismo Chinês
A Via Chinesa da Restauração Capitalista. (1949-2002)

The awakening of the dragon. The Birth of Chinese Imperialism.
The Chinese Way of Capitalist Restoration. (1949-2002)

Dr.Mário Maestri¹

Resumo: O presente artigo esboça síntese histórica crítica dos anos que vão de 1978, quando do lançamento oficial do processo de restauração capitalista na China, até o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio, em 2002. Destaca o processo inicial de liquidação do planejamento central e de privatizações, com suas múltiplas sequelas sociais. Aborda os acontecimentos de Tiananmen, em 1989, quando da exigência de facções políticas e sociais chinesas de adoção de ordem política liberal, e as esperanças postas pelo imperialismo nesse processo. Conclui discutindo a contradição aparente entre a ordem econômica capitalista e um Estado controlado por partido formalmente comunista.

Palavras chaves: China, Revolução chinesa, restauração capitalista

Abstract: This article outlines a critical historical synthesis of the years from 1978, at the time of the official launch of the process of capitalist restoration in China, until the country's entry into the World Trade Organization in 2002. It highlights the initial process of liquidating central planning and the beginning of privatizations, with its multiple social consequences. It addresses the events of Tiananmen, in 1989, when the demand for Chinese political and social factions to adopt a liberal political order, and the hopes put by imperialism in this process. It concludes by discussing the apparent contradiction between the capitalist economic order and a state controlled by a formally communist party.

Keywords: China, Chinese revolution, capitalist restoration

1. A VIA CHINESA DA RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

Em dezembro de 1978, quando do Terceiro Pleno do 11º Comitê Central do Partido Comunista da China, no contexto da promoção de medidas pró-capitalistas, determinou-se igualmente descentralização em favor dos poderes locais, mais próximos das pressões diretas da produção mercantil, e instituíram-se quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEE). Em 1980, a China adere ao Banco Mundial e ao FMI. Mais catorze outras ZEE seriam agregadas a partir de 1984. Nelas, liberava-se a inversão de capitais estrangeiros, com taxas, impostos, etc. baixos ou inexistentes. A partir de 1988, todas as cidades costeiras e outras regiões foram abertas a investimentos internacionais. Atualmente, a totalidade do território nacional encontra-se liberada ao capital mundial.

A contra-revolução capitalista foi apresentada como “transição do sistema centralmente planejado para a economia socialista de mercado com características chinesas”. (PEDROZO: 2009, 47-8.) A reprodução ampliada das relações capitalistas de exploração, produção e acumulação não foi só permitida como incentivada, em detrimento da planificação da economia, em permanente retrocesso. Um processo que transformou a China em um país onde atualmente domina o capital privado nacional e internacional, com uma

¹ Mário Maestri, 73, é doutor em história pela UCL, Bélgica. Professor colaborador do PPGH da UPF. maestri1789@gmail.com

forte participação estatal sobretudo nas empresas que exigem grandes investimentos e resultam em baixa rentabilidade.

Externamente, a contra-revolução silenciosa foi comandada pelo grande capital internacional, sob a direção do imperialismo estadunidense. Ela teve como um ponto de partida o enorme impulso permitido pela aproximação aos Estados Unidos, dirigida e proposta por Mao Tsé-Tung, em inícios dos anos 1970. Internamente, os camponeses médios e médios-ricos, com capitais acumulados no comércio, na agricultura, na usura e com investimentos nas indústrias comunitárias rurais, foram a grande base da restauração capitalista. Eles dominavam as trocas locais, assalariavam camponeses pobres e com poucas terras, arrendavam propriedades, contornando a legislação, corrompendo funcionários. Eram senhores de um capital ingente entesourado, que crescera desde a crise do Grande Salto (1958). (MAESTRI, 2021.) Capitais, não canalizados pelo Estado para a construção do socialismo, foram empregados na restauração do capitalismo.

Uma das grandes reivindicações dos camponeses, a possibilidade do comércio da terra, começou a ser liberalizada, em 2020. Havia também à disposição, para a frutificação mercantil, os capitais nas mãos dos proprietários de empresas industriais indenizados nos anos 1950, questão sobre a qual, salvo engano, faltam informações mais precisas. Foi importante o afluxo de capitais da diáspora chinesa instalada desde o século 19 em Hong Kong, Indonésia, Malásia, Cingapura, etc. Parte desses capitalistas de origem chinesa, que investiram no país, constituiu uma fração da nova burguesia chinesa sem raízes e laços com a Era Maoísta (1949-1978) e, no geral, com fortes contradições com ela. (LETIZIA, 2012, p. 113; MAESTRI, 2021.)

Invasão Capitalista

Grandes empresas foram instaladas por capitais internacionais, em forma autônoma, ou em parceria com capitais públicos chineses. Proliferaram pequenas e médias empresas nacionais, sobretudo independentes, mas não raro em associação com capitais forâneos. “Entre 1979 e 1982, a China recebeu mais de 12 bilhões de dólares em investimentos externos, pouco menos que o equivalente ao total do Plano Marshall para a Europa inteira, entre 1948 e 1958.” (LETIZIA: 2012, 114.) Milhares de Empresas de Cantão e Povoado, originariamente comunitárias não estatais, administradas por burocratas locais ou apropriadas por privados, cresceram explorando duramente a mão de obra excedente das pequenas unidades agrícolas familiares vizinhas e trabalhadores imigrados. Longe de seu domicílio de registro, e sem direito de se registrarem no novo, esses trabalhadores ditos migrantes não possuíam direitos sociais e eram submetidos a salários miseráveis e a muito duras condições de trabalho. Ainda hoje, seguem sendo objeto de multas, de atrasos dos salários, de não pagamento, etc. E as greves e movimentos classistas eram e são reprimidos pelos sindicatos, sob controle estatal, e pela polícia.

Foram impulsionadas a descentralização das decisões econômicas planejadas (socialistas) em favor do mercado (Lei do Valor, capitalista) e a privatização de empresas públicas. O Estado iniciou as privatizações vendendo dezenas de milhares de pequenas empresas públicas rentáveis. Em 2003, a participação geral do setor privado no PIB chinês já era de 68%. Em 2010, as Empresas de Cantão e Povoado eram responsáveis por em torno de 40% das exportações. (PEDROZO, 2009, 47-8, 54.) Sobre bases materiais cada vez mais frágeis,

os valores de igualdade, solidariedade, coletivização, etc. retrocederam em favor do individualismo, do egoísmo, do consumismo, etc.

Nos últimos anos, as crenças evangélicas e pentecostais são os credos que mais avançam relativamente na China, com talvez já trinta milhões de seguidores. No Império do Meio, como proposto, hoje, obedecendo o princípio sacro-santo do liberalismo, praticamente tudo se paga, mesmo nas escolas, universidades e hospitais públicos. A única diferença é que se paga mais nas instituições privadas. Os talvez milhões de milionários chineses preferem mandar seus filhos estudar no Ocidente e na Austrália, nas melhores universidades, a preços siderais. Nos USA, estudam atualmente 400 mil universitários chineses. Esses estudantes começam a sofrer assédio devido à agitação e à propaganda oficial anti-chinesa, sobretudo nos USA e na Austrália. Em 2000, havia na China mais de 1.300 universidades privadas — elas não cessaram de crescer nos últimos anos. (ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL, 2020; Portal Aprendiz, 08/08/2005.)

O movimento de restauração capitalista golpeou os trabalhadores industriais estáveis. Entretanto, nos primeiros tempos, em forma precaucional, enquanto procediam-se as privatizações, foram atendidas algumas das reivindicações operárias, em geral anuladas quando da Revolução Cultural: reabriram-se as escolas noturnas para operários industriais; a remuneração voltou a depender fortemente da produção e da especialização dos trabalhadores; os sindicatos ocupam-se novamente das reivindicações operárias. Em 1974, nas empresas industriais urbanas, nas pequenas fábricas rurais (Empresas de Cantão e Povoado) e em outras empresas semelhantes, trabalhavam em torno de dez por cento da população ativa chinesa. Os trabalhadores *migrantes*, mesmo super-explorados, conheceram avanços diferenciais em relação às condições de existência no campo, como trabalhadores avulsos ou com insuficiência de terras. (MERCATANTE, 2021.)

Super-Exploração

As indústrias estatais privatizadas passaram a funcionar com trabalhadores precarizados, sobretudo chegados da província, sem os direitos de residentes, como proposto. Os trabalhadores públicos *privatizados* perderam os direitos à saúde, à educação e às pensões, já acanhados. Em 1981, os direitos sociais abrangiam apenas 1/3 das populações urbanas. Os membros das comunidades rurais seguiram sustentando seus gastos com saúde, pensão, educação, etc., uma das razões da alta taxa de poupança e do baixo consumo médio relativo no país até os dias atuais. Sobretudo, avançou-se a *descoletivização* total dos terrenos agrícolas, com a instituição do “sistema de responsabilidade familiar”, que permitia vender livremente no mercado o que superasse a cota exigida pelo governo; a abertura ao mercado exterior, etc. (SPERANCETE & MARTINS, 2019.)

A paisagem urbana e suburbana modificaram-se fortemente. Os tradicionais mercados urbanos e suburbanos foram substituídos por centros comerciais de bandeira Carrefour, Walmart, etc. A precarização abateu-se em graus diversos sobre centenas de milhões de chineses. Radicalizou-se o desequilíbrio regional em favor das zonas da costa, sobretudo meridionais, onde se localizam as metrópoles litorâneas — Pequim, Xangai, Hong Kong. Essas regiões, com 14% da superfície, produzem 58% do PIB e recebem 83% dos investimentos (2015). O Oeste chinês, região das comunidades não-han, com 56% do território e 11% da população, produz 8% do PIB nacional. (PEDROSO, 2009, 47-56; MORAIS, 2015, 237-275.)

Em 2002, com o ingresso na Organização Mundial do Comércio, a China tornou-se rapidamente destino mundial de investimentos, consolidando-se sua dependência incontornável às importações de matérias-primas e às exportações dos serviços e produção industrial chinesa. (PELANDA, 2015.) De produtora e exportadora de petróleo, em 1993, a China passou a importadora. A queda das tarifas sobre a importação de grãos deprimiu a renda dos camponeses. As exportações foram sustentadas por desvalorização relativa da moeda nacional em relação ao dólar — passou-se de um yuan por 17 dólares em 1980 a 27 yuan por dólar, e 1986. Hoje, com a forte desvalorização do moeda americana, ela está um dólar por 6,57 yuan. (SANJUAN: 2016, 77 *et seq*; MOLINA, 2019.) A expansão da economia foi vigorosamente apoiada pelo Estado central que se endividou fortemente. Era o fim definitivo do chamado Período Maoísta (1949-1978) e o começo do “capitalismo com características chinesas”. Cronologicamente, com avanços e retrocessos, a orientação socialista manteve-se na China, em forma limitada e irregular, por menos de trinta anos e a capitalista alcança hoje mais de quarenta anos.

1.1. 1989: Tiananmen — A Via Autoritária e Centralizada ao Capitalismo sob Ataque

Esplanada da Porta da Paz Celestial

As manifestações estudantis de abril-junho de 1989 na esplanada da Porta Celestial (Tiananmen) expressaram uma situação social e política tensa, após uma década de restauração capitalista, no contexto da maré neo-liberal de portada universal que ensejou, naquele ano, o fim da RDA e, logo a seguir, da URSS e dos países do Leste Europeu. Aqueles sucessos expressaram a luta, dentro e fora do PCC, por um regime político de tipo “ocidental”, com gestão direta dos interesses capitalistas nacionais e internacionais por parlamento burguês tradicional, sem a mediação do PCC — definido como o “governo dos velhos”. O movimento interno foi apoiado pelos USA e pelos Estados imperialistas a eles associados. Ele foi processo de reivindicações essencialmente políticas. Portanto, não almejava, como na URSS e nos Estados operários, instauração de relações sociais capitalistas de produção, na China, iniciadas oficialmente em 1978 e, então, em adiantado processo.

Nos anos anteriores, haviam ocorrido movimentos pela *democratização liberal-burguesa* da ordem burocrático-autoritária e por reivindicações de direito políticos e civis gerais. Era grande a tensão social ensejada pelo movimento da privatização sobretudo das pequenas e médias indústrias estatais, com a perda de emprego e de direitos por parte dos seus trabalhadores-funcionários. Em um salto de qualidade na restauração da economia de mercado, abandonara-se o planejamento central e liberaram-se os preços, ensejando uma forte inflação, 21% em 1988, fenômeno quase desconhecido no período anterior, que causou profundo descontentamento popular. (MERCATANTE, 2021.)

Em 15 de abril de 1989, a morte de Hu Yaobang, ex-secretário geral do PCC, favorável à aceleração da restauração capitalista, demitido por pressão do bloco “tradicional” centrista, ensejou fortes mobilizações estudantis por sua “reabilitação” e em favor de abertura de viés democrático burguês do regime político. Os estudantes, sobretudo da prestigiosa universidade de Pequim, eram em grande número filhos de dirigentes do Partido, do governo, de famílias com posses, etc. As manifestações na Esplanada da Paz Celestial avolumaram-se, criticando Deng Xiaoping, por sua pouca ‘audácia’ no processo de

restauração capitalista. As províncias que acolhiam e pretendiam atrair investimentos internacionais pressionavam também pela autonomia. Elas retinham a parte do leão dos impostos que produziam e pretendiam o lançamento de moedas regionais. (MOTOSI, 2020, n.º 603, 13.)

No seio do PCC, Zhao Ziyang (1919-2005), primeiro-secretário do PCC, era o principal defensor das reformas políticas democrático-liberais e da aceleração das privatizações. O movimento era o *reverso* da Grande Revolução Cultural Proletária. Os acontecimentos europeus em curso, com destaque para os da URSS — *glasnost & perestroika* —, impulsionavam a agitação na China. Intelectuais e estudantes reivindicavam a “Quinta Modernização”, a democracia em um viés ocidental — exigiam modificações políticas que propunham decorrer do processo de restauração capitalista em curso. Reivindicavam também o combate à corrupção; o fim da preferência aos quadros do Partido nos empregos e promoções; melhores salários nas universidades, etc. (BERGÈRE, 2000, 212-221.)

Planejava-se o acirramento do movimento concomitante à chegada a Pequim, prevista para 16 de maio de 1989, de Mikhail Gorbachov, principal dirigente do movimento de restauração pró-capitalista na URSS. A visita diplomática terminou sendo comprometida pelos manifestantes que levantaram um acampamento estudantil na esplanada. Algumas escolas secundárias se agitaram e universitários viajavam da província para participar do acampamento, com passagens financiadas pelos governantes locais que sustentavam o movimento. (MOTOSI: 2020, n.º 598, p.19.) Em 13 de maio, três dias antes da chegada do dirigente russo, iniciou-se “greve de fome comunitária”, apoiada por mega-manifestação e largamente coberta pela mídia internacional, maciçamente presente devido à visita de Gorbachov a Pequim. Em 18 de maio, o primeiro ministro Li Peng participou de negociações com a direção dos estudantes, apesar de pouco simpático ao movimento, à descentralização e à aceleração das privatizações. A grande imprensa chinesa descrevia quotidianamente os acontecimentos. (MANDEL, 1999, p. 43 *et seq.*)

Tiananmen: a realidade e o mito

O imperialismo esperava dissolução do regime político centralizado chinês semelhante ao que ocorria na Europa Oriental; uma restauração capitalista mais acelerada e desorganizada; autonomia e mesmo independência de regiões que não constituíam parte da China histórica, como o Tibete, ou de fortes minorias, como a província de Xinjiang, etc. Sonhava-se com a regressão do acordo, de 1984, de entrega gradual de Hong Kong à China. Esperava-se, no melhor dos casos, desorganização do Estado chinês e retorno ao período neo-colonial anterior a 1949 ou que se instalaria, a seguir, na dita área socialista europeia. O alarido da grande mídia burguesa internacional imperialista sobre Tiananmen correspondeu à frustração de suas expectativas. O movimento se manteve essencialmente urbano e restrito sobretudo a Pequim, apesar de manifestações e repercussões secundárias nas províncias. Ao contrário, no grande polo financeiro de Hong Kong, ainda sob governo britânico, o apoio ao movimento foi multitudinário. Aquela ilha financeira internacional, junto com Taiwan, se mantém, até hoje, como as duas pontas de lança da ofensiva imperialista contra a China.

O movimento de abril-junho de 1989 não interessou as camadas camponesas. Os proto-industrialistas e industrialistas rurais, os camponeses médios e ricos, não veriam com bons olhos a anarquia estudantil, semelhante à Revolução Cultural. Jamais haviam conhecido regime democrático-representativo e temeriam a interrupção do processo de enriquecimento que viviam, sob a direção segura do PCC. As propostas de Tiananmen nada ofereciam aos camponeses pobres. Houve agitação pouco expressiva entre os trabalhadores de Pequim e

das províncias, que não se juntaram ao movimento constituído sobretudo por universitários e estudantes. Os trabalhadores estatais eram contra a liberalização e apoiavam a propriedade pública. Não houve greve industrial geral em qualquer região da China.

A burocracia dirigente dividiu-se entre diversos graus de descentralização do poder, ou seja, o fim do monopólio político do PCC, e a repressão ao movimento. Zhao Ziyang encabeçou a facção favorável à marcha em direção do multipartidarismo, da separação tripartida do poder, de sistema parlamentar, da descentralização econômica. Deng Xiaoping, *locomotiva* da restauração capitalista, expressou a facção favorável ao monopólio político do PCC. Entre as duas, não haveria discordância sobre o processo de restauração capitalista em curso, mas sobre seu ritmo, sua modalidade e sobretudo sobre a centralidade e autoridade do PCC. Em 17 de maio, em reunião da cúpula comunista, Deng Xiaoping teria proposto que a introdução do “socialismo democrático” retornaria à situação vivida quando da Grande Revolução Cultural Proletária (1966-1969), com a dissidência de “facções opostas (às mudanças) que controlam parte do exército”. (MOTOSI, 2020, nº 603, 15.)

O núcleo *centrista* da mais alta direção do PCC temia a desordem. Em 18 de maio, o alto comando comunista decidiu-se pela Lei Marcial, sancionando a proposta de Deng Xiaoping-Chen Yun e a derrota de Zhao Ziyang, posto em prisão domiciliar, e de seus apoiadores, defenestrados dos seus cargos. Como na URSS pós-1953, agora, a burocracia não se *excedia* na repressão de seus quadros caídos na desgraça. Porém, havia temor quanto ao uso do Exército Popular de Libertação na repressão, já que seria a primeira vez que reprimiria manifestação popular de proporção. Para tal, teriam chegado duzentos mil soldados de divisões estacionadas nas provinciais, talvez temendo-se muito mais do que a concentração da Praça Celestial. Ou seja, o uso de tropas por facção do PCC favorável ao movimento.

A Dimensão da Repressão

A Lei Marcial e as tentativas de desalojamento não surgiram efeito. Em 30 de maio de 1989, no acampamento, levantou-se uma estátua à “Deusa da Democracia”, referência-pastiche da Estátua da Liberdade de New York, um indiscutível símbolo de adesão “ocidentalista”. George H. W. Bush decretou sanções contra a China e propôs que setores do exército chinês estavam em dissidência com a mais elevada direção do PCC. No início da madrugada de 4 de junho, dois meses após o início das manifestações, as forças militares cercaram a praça de Tiananmen e ordenaram a dispersão do acampamento. Os estudantes votaram, dividindo-se entre ficar e partir. Não há comprovação documental sobre os propostos choques entre as tropas *governistas* e *sublevadas*, com tiros de fuzis e canhão. Tropas e tanques superaram as barricadas levantadas pelos manifestantes nas ruas adjacentes e foram atacadas com bombas molotov na praça, com alguns soldados e tanquistas mortos. Soldados dispararam contra manifestantes — nesse então, as forças militares chinesas não tinham recursos anti-manifestantes não letais, até então desnecessários. Pelas 6 da manhã, a praça estava vazia. Nos dias seguintes, houve pequenos confrontos em Pequim e em outros pontos do país. Funcionários e membros do PCC que permitiram e apoiaram o movimento já haviam sido destituídos de seus empregos e cargos. (ZIYANG, 2009.)

Os manifestantes e soldados mortos teriam sido em torno de 240 segundo o governo — estimativas mais sérias falam de cinquenta soldados e de quatrocentos a oitocentos civis mortos. O que não é pouco, mas insuficiente para a propaganda ocidental e para o tamanho do país. Os até dez mil mortos propostos, entre outros, pelo Departamento de Estado dos

USA, jamais encontraram comprovação em fotos, filmes, nomes, etc. Teria sido um megamassacre que não produziu multidões de mortos. Para resolver essa contradição, se propôs e ainda se propõe solução fantasiosa — os tanques passaram sobre os propostos mais de dez mil cadáveres até transformá-los em uma “pasta” capaz de ser lançada nos esgotos, com jatos de água dos serviços de limpeza! (Le Monde, 23/12/2017.) O movimento em Pequim, de abril-junho de 1989, e a conseqüente repressão policial-militar não tiveram continuidade e consolidaram os quadros dirigentes do PCC em torno da proposta de Deng Xiaoping e de sua equipe. Tiananmen criou o consenso na cúpula do PCC sobre a necessidade de fortalecer o controle político sobre o país e, a seguir, de acelerar a restauração capitalista. Dois anos mais tarde, a dissolução da URSS, e a tenebrosa Era Yeltsin (1991-1999), sob o império do imperialismo e do capitalismo gangsteril, mostrou o enorme risco para o Estado e para a nação chinesa de restauração capitalista sob ordem liberal-burguesa. A via chinesa ao capitalismo, sob o autoritarismo do PCC, fortalecida pela aceleração das medidas restauradoras, garantiu a extensão da base de apoio ao grupo dirigente vitorioso, por parte dos segmentos pró-capitalistas eventualmente flertando com a democracia liberal. (Perspective Monde, 18 janvier 1992.; MERCATANTE, 2021.)

Em 1992, quando do 14º Congresso do CC, Deng Xiaoping pronunciou uma outra consigna anti-socialista: “(...) a ideologia não pode substituir o arroz” e teria gritado, alto e pausado: “Ser rico é glorioso!” Desempenhava, vitorioso, na China, o papel no qual fracassara, na Rússia, E. Bukharin. Reafirmava-se a “economia socialista de mercado”, no contexto de enorme fluxo dos investimentos exteriores. Relançando a ofensiva restauracionista em semi-pausa, também em 1992, aprova-se a declaração de falência de empresas estatais e sua transformação em sociedades por ações, medidas implementadas gradativamente, com o apoio e a orientação técnica do sistema bancário estadunidense. Um outro duríssimo golpe aos trabalhadores públicos. Até 2003, teria havido em torno de sessenta milhões de trabalhadores-funcionários demitidos. A eventual realocação desses trabalhadores passou a ser função dos órgãos locais, em geral, com poucos recursos. (LETIZIA: 2012, 117 ; ZEMIN: 2000, 7 *et seq.* (COHEN: 1990, 187 *et seq.*; BUCHARIN & PREOBRAZENSKIJ, 1973.) No mesmo ano, a designação “economia socialista de mercado”, *contradictio in terminis* para o marxismo, foi inscrita na Constituição chinesa.

2. Quem manda no PCC: os ex-comunistas ou os neo-capitalistas?

Após três décadas de coabitação e luta entre a produção pequeno-mercantil-capitalista dominante, sobretudo rural, mas se espiando nos centros citadinos, e a economia estatal planificada, quase essencialmente urbana, a restauração capitalista triunfou em forma indiscutível. Aquele conflito e as quatro décadas seguintes de expansão capitalista deram-se sempre, no mundo das aparências, sob a égide do mesmo Partido Comunista Chinês. Aquele movimento avançou através da resolução de disputa de facções no alto comando *comunista*, entre dirigentes que expressaram forças e tendências sociais nacionais e internacionais, com destaque para as mercantis-capitalistas nacionais, já hegemônicas.

Entretanto, segundo alguns analistas, a “via chinesa ao capitalismo” seria apenas uma forma de NEP de longuíssima duração, com encontro marcado com o socialismo, em algumas décadas, chegando-se a propor em uns cem anos. Defendem que a garantia da ordem socialista seria assegurada pelo monopólio político do PCC. De partida, os defensores do

caráter socialista da China atual, devido ao permanente mando do PCC, esforçam-se para ignorar a determinação da especificidade de uma formação social pelo dinamismo que assume a forma dominante de relação social de produção, em comparação às concorrenciais. São as relações sociais de produção hegemônicas, e não o que se diz sobre elas, que determinam o caráter de uma formação social. A defesa do caráter socialista da China se aferra a algumas aparências fenomenais — símbolos, liturgia, declarações oficiais, etc. — da alta direção do PCC, deixando de lado a questão fundamental — o avanço e a consolidação da hegemonia das relações sociais de produção capitalista no país e suas correspondências super-estruturais. Os novos conteúdos ensinam novas formas que os expressem, não raro metamorfoseando as antigas representações formais.

Em *A nova economia*, luminar trabalho, dos anos 1920, sobre as vias econômico-políticas da transição do capitalismo ao socialismo na URSS, Eugene Preobrajenski (1886-1937) lembrava que o capitalismo pudera nascer, como embrião, sob a dominância do artesanato, da economia pequeno-mercantil, das relações feudais de produção, para a seguir se expandir, como, digamos, uma inexorável difusão de um foco canceroso, alimentando-se daquelas formas pré-capitalistas de produção. Lembrava que, ao contrário, é somente após o assalto ao poder que a produção socialista pode se articular, seja em uma formação social capitalista adiantada ou atrasada, ou mesmo, em uma sociedade predominantemente pré-capitalista, como a China. Nas sociedades capitalistas atrasadas e pré-capitalistas, lembrava o economista da Oposição de Esquerda (1923-28), após a conquista do poder, o socialismo construí-se necessariamente em disputa mortal com as formas pré-capitalistas, internas e externas, em verdadeiro desequilíbrio homeopático. Nessa disputa entre a “lei do valor e a lei da planificação”, a forma de produção dominante metaboliza a dominada, fortalecendo-se qualitativa e quantitativamente. Destacava a impossibilidade material de convivência entre formas de produções antagônicas, decorrendo daí a necessidade da revolução socialista mundial. (PREOBRAZENSKY, 1979.)

No contexto do caráter dominante das relações sociais de produção capitalista na China, ficaria por responder quando a direção máxima do PCC desequilibrou-se em favor da restauração capitalista. Charles Bettelheim (1913-2006), o principal estudioso francês e defensor ferrenho da China maoísta, definiu como “golpe de Estado” final no socialismo o volta-face de Huo Guofeng (1921-2008), em 1976, após a morte de Mao Tsé-tung, quando da repressão da “Banda dos Quatro” e liquidação total do então já arremedo de Revolução Cultural. (BETTELHEIM, 1978, p.12.) Bettelheim enfatiza um fenômeno político, a repressão aos últimos representantes da Revolução Cultural. A maioria dos analistas propõe como ponto referencial da restauração capitalista, dezembro de 1978, quando do anúncio e promoção da “nova revolução”, por Deng Xiaoping, no curso do Terceiro Pleno do 11º Comitê Central do Partido Comunista da China. Em verdade, os sucessos de 1976 era uma anunciação dos de fins de 1978.

Como proposto, nenhum dos dois, Huo Guofeng ou mesmo Deng Xiaoping, *inventaram* a restauração capitalista. Eles expressaram e dirigiram a aceleração e consolidação do movimento mercantil-restauracionista, já enraizada em enorme parte da população chinesa, sobretudo rural, mas também urbana. Expressaram o fim, em nível das instituições, do surdo e não raro semi-consciente confronto de classes entre a orientação socialista e a capitalista. A luta entre a Lei da Planificação Econômica e a Lei do Valor. Era a direção do PCC que assumia, em fins de 1978, como política oficial, a impulsão da dominância da produção

mercantil-capitalista. Ou seja, abandonava a estrada do socialismo pela capitalista. Facilitou esse processo o fato de que importante parte da burocracia comunista possuía antigos e novos laços políticos, sociais e econômicos com a produção pequeno-mercantil, em país de industrialização limitada e recente. Foi deste e neste processo que nasceu uma burguesia industrial, comercial e financeira chinesa digna do nome, boa parte dela com laços estreitos com o PCC, quando não militando naquele partido. Uma parte significativa de militantes comunistas já tinha nessa época interesses na produção mercantil. Também na URSS, a contra-revolução capitalista foi impulsionada desde dentro do PCUS, sobretudo quando as facções restauracionistas apoderaram-se do governo, com Mikhail Gorbachov.

Restauração

A grande base social que sustentou, no interior do país, a restauração capitalista foram as centenas de milhões de camponeses médios e ricos, que alugavam as propriedades de camponeses endividados e assalariavam trabalhadores, funcionavam como prestamistas, como comerciantes locais, proprietários de pequenos e médios artesanatos, etc. e já haviam se adonado, direta ou indiretamente, de dezenas de milhares de Empresas de Cantão e Povoado, desviadas de seus objetivos iniciais, quando do fracasso do Grande Salto Adiante. Contribuiu à restauração a antiga burguesia industrial nacional, regamente indenizada e empregada em forma multitudinária como dirigentes em empresas públicas, a partir sobretudo do I Plano Quinquenal. Desde 1949, esses setores sociais se expressariam sobretudo nos quadros médios do PCC e, através deles, na sua cúpula, onde tinham opositores e simpatizantes. (MAITAN, 1969, p. 20, 43; GUILLERMAZ, 1959, p. 48 *et seq.*) Foi sempre enorme a pressão internacional pró-capitalista.

Os dirigentes do PCC haviam sido educados pelo estalinismo e comandaram a revolução camponesa agitando a proposta de ausência de contradições daquele movimento, em uma “primeira etapa”, com o capitalismo e a “burguesia patriótica”. Entretanto, após 1949, iniciaram a expropriação das grandes propriedades internacionais e, a seguir, nacionais. Contudo, o fracasso do Grande Salto Adiante e uma Grande Revolução Cultural Proletária sem pauta econômico-social fortaleceram a economia mercantil e sustentaram seus defensores como Liu Shao-chi, Deng Xiaoping, Zhao Ziyang, Hu Yaobang e milhares de outros. A chegada ao poder de Deng Xiaoping foi salto de qualidade nesse processo. A alta hierarquia militar interessava-se na rápida modernização do Exército Popular de Libertação, que lhe era oferecida, como única alternativa, através da industrialização em associação com o grande capital, após o fracasso do Grande Salto Adiante e da Revolução Cultural. A morte de Lin Biao e destruição de sua facção, sobre a qual sabemos ainda pouco, parece ter sancionado o fracasso da via *soviética*. (MAESTRI, 2021; DINUCCI, 1975, p. 132 *et seq.*; SHAO-CHI, 1970.)

A jugulação da vida política pelo PCC, a fragilidade numérica relativa e a falta de tradição revolucionária dificultavam que o proletariado chinês levantasse uma política autônoma, fora ou dentro do PCC, no qual ele se expressava frágil e obliquamente. O proletariado chinês, liquidado politicamente quando da Segunda Revolução Chinesa, em 1927, praticamente não interveio na Terceira Revolução Chinesa, vitoriosa em 1949. (SERGE, 1971.) O próprio Grande Salto tendeu a debilitá-lo, com a proposta de dispersão industrial e recuo do planejamento central, como vimos. Os dirigentes das indústrias, os sindicatos, etc. estavam sob o controle do PCC. Os sucessos de dezembro de 1978 viabilizaram a institucionalização da contra-revolução, sem resistência política ou social organizada por parte dos

trabalhadores. A mesma passividade ocorreria, mais tarde, em 1991, quando da contra-revolução na URSS. A derrota do mundo do trabalho e do socialismo ocorrera quando do Grande Salto Adiante (1958-60) e com a Grande Revolução Cultural Proletária (1965-69), movimento burocrático maoísta que jamais se apoiou no proletariado industrial. (MAESTRI, 2021.)

Em dezembro de 1978, quando do Terceiro Pleno do 11º Comitê Central do Partido Comunista da China, os quadros estranhos e antagônicos às vias maoístas ou soviéticas de construção do socialismo empalmaram a direção política em forma irretorquível, ensejando que o PCC assumisse plenamente uma nova essência capitalista, no contexto de fidelidade *formal* ao passado *socialista*. A historiografia recente do PCC registra essa ruptura de qualidade com um passado dominado inicialmente por direção orientada para a construção do socialismo na sua versão burocrática — a Era Maoísta (1949-1978). A atual direção do PCC propõe um momento *dourado* de mudança de foco social e econômico e de defesa de desenvolvimento associado à reforma e à abertura para o exterior e para a economia mercantil. Ele teria ocorrido através de fantasiosa “emancipação das mentes” e “busca da verdade” por todos os delegados do Partido, na 3ª Pleno do 11º CC do PCC, em fins de 1978, como vimos. Essa narrativa sequer sugere ou se refere a uma discussão mínima sobre a nova política na base do partido e na sociedade. Tudo se manteve restrito, nos seus momentos conclusivos, ao Comitê Central, possivelmente ampliado. (ZEMIN, 2000, p. 4-5, 9 *et seq.*)

Em 1997, no 15º Congresso do PCC, os vinte anos de restauração capitalista seriam *santificados* quando o “pensamento” ou a “teoria” de Deng Xiaoping, já falecido, tornou-se estatutariamente doutrina oficial do PCC — “A teoria de Deng Xiaoping é o marxismo da China de hoje (...)” — que teria substituído a “luta de classe” e a “economia planificada” pelas “idéias” *denguistas* de “desenvolvimento econômico” e “socialismo de mercado”. O *marxismo* de Deng Xiaoping, ou seja, o caminho da restauração capitalista, seria o único “verdadeiro marxismo”, contribuição da China ao mundo. Nesse momento, vivíamos já uma total dissonância de conteúdo entre as novas realidades capitalistas e as categoriais criadas para descrevê-las, com material da era socialista, como proposto. A absolutização de corte *estalinista* do marxismo (“teoria”) de Deng Xiaoping foi parida por organização político-social já capitalista: “É um sistema científico relativamente completo, que abraça a filosofia, a economia política e o socialismo científico e, além disso, cobre a economia, a política, a ciência e a tecnologia, a educação, a cultura, os assuntos militares e exteriores, o frente unido e a construção do partido.” “Esta teoria está incarnada nas obras de Deng Xiaoping e nos importantes documentos do Partido e do Estado”. Ou seja, inspirado e orientado pelo *denguismo*, o homem podia, com algum esforço, bater asas e voar! (ZEMIN, 2000, p. 10 *et seq.*)

Cem Anos de Transição Capitalista

O *denguismo* ensinaria que o “papel essencial do socialismo é o desenvolvimento das forças produtivas”, devendo tudo mais se adequar a esse objetivo. Se deveria a isso a necessidade das “reformas” da organização pró-socialista anterior. Destaque-se que o fascismo na Itália, o nazismo na Alemanha, expressões do capital monopólico daqueles países, e o capitalismo na Coreia, no Japão, etc. desenvolveram em forma extremamente acelerada as forças produtivas materiais de seus respectivos países, também sob regimes capitalistas autoritários. Na URSS, a proposta de liberação da economia mercantil para recuperação da economia esfacelada pela Guerra Civil (1919-22), a NEP, com destaque para o campo, foi defendida por Lênin, em

1921, como um recurso provisório, uma tomada de fôlego, para a seguir avançar com maior decisão na construção da área estatal de produção. As concessões à economia mercantil da NEP não atingiram, porém, jamais, as grandes indústrias, mantidas nas mãos do Estado. (CARR: 1964, p. 686 *et set.*) Entretanto, quando a produção mercantil se fortaleceu, o bloco direitista, dirigido por N. Bukharin, tentou perpetuar e aprofundar a liberação mercantil-capitalista, propondo a construção do socialismo com a lentidão do “caracol”. A industrialização acelerada e a coletivização forçada do campo, pelo estalinismo, pôs fim, em forma atabalhoada, à proposta de restauração capitalista, através da continuidade e radicalização da NEP. (TROTSKY, 1963, 443 *et sep.*)

Na China, o desenvolvimento da produção e das relações sociais de produção mercantil-capitalistas não foi proposto como um movimento de caráter conjuntural, como a NEP, na URSS, mas como processo que diria respeito a diversas gerações. Segundo o Relatório apresentado ao 15º Congresso do Partido Comunista Chinês, de 12 de setembro de 1977, por Jiang Zemin (1926-2003), o “estado primário do socialismo”, no qual se completará a “industrialização” e a “orientação em direção ao mercado” e a “modernização da economia”, com o recurso ao capital privado nacional e internacional, durará “ao menos um século”. O retorno ao socialismo foi transferido para além do horizonte mais distante, em um período já fora do tempo histórico minimamente previsível, sobre o qual sequer podemos elucubrar. Ou seja, foi deixado para as “calendas gregas”! Jiang Zemin, na direção do Estado chinês e do Partido Comunista, ao avançar tais propostas, confessou: “(...) o nosso socialismo é um esforço inteiramente novo, que não foi jamais mencionado por Marx (...)” (ZEMIN, 2000, p. 9 *et seq.*)

A orientação hegemônica pró-mercantil e pró-capitalista do PCC se reforçou nas duas últimas décadas, em uma metamorfose radical. Os mais altos dirigentes que lutaram pela independência do país sob uma ideologia socialista, marxista, nacionalista de esquerda em versão burocratizada, em um partido formado quase apenas por camponeses, haviam sido defenestrados pela direção maoísta após a Revolução Cultural. Os quadros médios que haviam vivido aqueles anos deram também lugar a funcionários e administradores expressando as necessidades da produção capitalista, “versão chinesa”. As ininterruptas medidas políticas em apoio à formação de grandes conglomerados privados, de autonomia da gestão das empresas públicas, de fim de planejamento efetivo da economia, do direito dos camponeses de explorarem seus lotes, etc. fortaleceram o caráter pró-capitalista do PCC. Xi Xiaoping nasceu em 1953. Tinha 25 anos quando a China abraçou oficialmente a reorientação capitalista. Os chineses que tinham 21 anos em 1978-9 têm hoje mais de sessenta anos. A imensa maioria deles e da população chinesa jamais viveu sob organização socialista. Para aquela geração e as posteriores, a China pré-1978-9 é matéria estudada nas escolas, lida em livros, vista em filmes, tudo no contexto de narrativas orientadas pelo Estado pró-capitalista e pelo capital privado.

O PCC possui hoje quase noventa milhões de militantes, entre eles, Jack Ma, um dos homens mais ricos da China e do mundo, com mais de 40 bilhões de dólares americanos em patrimônio líquido privado em 2019. A metamorfose pró-capitalista foi certamente facilitada pela ausência, desde sempre, de democracia interna no Partido, que evoluiu na tradição burocrática, em um país essencialmente camponês, até décadas recentes, absorvendo, sobretudo após 1949, uma imensa quantidade de administradores, funcionários, técnicos do antigo regime. Nos últimos anos, a própria inscrição no PCC, mesmo com objetivos oportunistas e carreiristas tem perdido atração entre sobretudo os jovens chineses. Isso

porque, cada vez em forma mais alargada, a vida social e econômica se processa e se decide no contexto das relações capitalistas, sem a interferência direta do Partido e do Estado. Pertencer ao PCC não é mais caminho necessário para o sucesso social e econômico.

Organização do PCC

O PCC possui um politburo de sete membros e um comitê central de pouco mais de duzentos. Um e outro são o coração do poder político. O Congresso ou Assembléia Nacional do Povo é praticamente formal, com apenas dez dias de sessões anuais, sem poder de propor leis. Existe um Comitê ou Conselho Permanente, de 161 membros, no qual participam hierarcas da administração civil, militar, etc.; representantes *fantasia* dos oito partidos democráticos, herdeiros dos idos da aliança de vitrine com as forças “burguesas nacionalistas”; personagens de destaque. Trata-se de um órgão cerrado que se renova fortemente por cooptação e que expressa as grandes forças políticas, econômicas e sociais do país. O poder de fato é monopolizado e contradições de todo tipo se expressam e se resolvem nos órgãos diretivos máximos do partido, com destaque para o Comitê Central e, sobretudo, para a Secretaria Política do PCC. Essas instituições representam o grande capital nacional (público e privado) e o capital mundial investido no país, no contexto da defesa e ampliação da autonomia e independência nacional, atualmente questionada pelo imperialismo estadunidense. Nos últimos anos, esses órgãos assumiram a defesa da exteriorização dos capitais internacionais e nacionais, ou seja, do capital monopólico chinês —nacional e internacional— ensejando a crescente contradição entre o novo imperialismo chinês, com crescente dinamismo, e o capitalismo estadunidense hegemônico, em retrocesso tendencial. Para manter o consenso desses interesses e, sobretudo, da imensa população chinesa, o governo e o Estado devem garantir crescimento permanente da acumulação de capitais e melhorias gerais das condições médias de existência no país. (SPERANCETE & MARTINS, 2019; MAESTRI, 2019.)

As necessidades do Estado centralista e autoritário, sob a direção do PCC, a serviço da ordem capitalista nacional e, em forma secundária, internacional, vivem permanentes contradições com, entre outros, os interesses singulares da grande burguesia chinesa hegemônica. As contradições entre o trabalho e o capital pressionam e esgarçam igualmente as relações de dominação impostas e mediadas pelo Estado e pelo governo, aparatos representantes dos interesses dos exploradores. A conformação de uma burguesia monopolista chinesa riquíssima constrói polos gigantescos de poder fora do PCC, que se expressam no seu interior e procuram determinar suas decisões. O citado Jack Ma é exemplo excelente. Ele é militante do PCC e logicamente se diz comunista. Possui um poder pessoal quase inimaginável, discricionário, hereditário, nesse sentido, de certo modo, superior ao de Xi Jinping, que é enorme mas transitório e dependente do cargo que ocupa e das instituições que o enquadram. Como tantos outros mega-empresários chineses, Jack Ma expande seus negócios por sobre as próprias determinações legais do país. Recentemente, defendeu a jornada de trabalho dita 996 nas empresas de tecnologia — das 9:00 às 21:00, seis dias por semana —, vigente em suas e em outras empresas de ponta — 72 horas de trabalho semanal. Propôs a seguinte pergunta: “Se você não trabalha 996 quando você é jovem, quando você pode trabalhar 996?” (FSP, 12/04/2019.) A legislação trabalhista chinesa determina um máximo de 44 horas semanais.

Em 25 de agosto de 2020, Ma se propôs a obter trinta bilhões de dólares com a abertura de dez por cento do capital da controladora de seus negócios, o Ant Group. Seria a maior

operação do gênero jamais realizada até agora no mundo. Inopinadamente, a administração estatal proibiu a milionária abertura de capital e iniciou investigação sobre a fabulosa acumulação de capitais empreendida por Jack Ma, sobretudo através da utilização da mega-empresa de pagamento virtual para a intermediação de em torno de 500 milhões de operações rápidas de pequenos empréstimos e seguros, com taxas superiores às dos bancos estatais, servindo-se de capitais de bancos e cooperativas de crédito privados. Jack Ma criticara os órgãos reguladores do Estado por serem fixados em riscos mínimos e os bancos públicos, por emprestarem apenas sob garantia, como “casas de penhores”. Exigia em nome dele e dos seus iguais avanço da desregulamentação das atividades econômicas, sobretudo financeiras. Isso, quando a tendência ao monopólio e a voracidade do capitalismo chinês indignam multidões de chineses com poucas ou nenhuma oportunidades de progressão social.

O governo determinou que o grupo Ma volte a se centralizar na sua atividade de serviço de pagamento on-line. Com a intervenção pública, o grupo de Jack Ma teria perdido “mais de US\$ 200 bilhões em valor de mercado desde novembro, quando reguladores suspenderam o IPO da Ant.” (INFORMONEY, 28 dez 2020.) Um dos segredos do “milagre” industrial chinês é a baixa remuneração dos depósitos bancários que permite o financiamento a taxas limitadas de empresas públicas e privadas. Os significados da ação de Jack Ma e da resposta da administração são claros. Em favor de seus interesses particulares, o grande capitalista chinês passou a desrespeitar a mediação do Estado, realizada em defesa dos interesses dos capitais públicos e privados gerais, sobretudo chineses, mas também internacionais investidos no país. Jack Ma, como milhares de outros pequenos, médios e grandes capitalistas chineses, sonham em se desprender das amarras estatais que os subordinam, mas também o ajudaram e ajudam a acumular sua fortuna sideral. Sem que o Estado deixe de exercer o controle e a domesticação das classes trabalhadoras, é claro. O grande El-dourado chinês dos capitais nacionais e internacionais é o sistema financeiro, ainda com seu coração central na mão do Estado. Jack Ma e sua Alibaba terminaram sendo multado em 2,78 bilhões de dólares por desrespeito da legislação e fidelização ilegal, em 9 de abril de 2021. Jack Ma foi afastado da gestão, mesmo indireta, das empresas, obrigadas a adaptarem-se à legislação, (IstoÉdinheiro, 1217, 09.04.2021.) Em Nos acordos comerciais provisórios com os USA de 2020, o governo chinês comprometeu-se a abrir o setor financeiro ao capital internacional. Desde então, a Goldman Sachs e a Black Rock Inc, dois mega bancos internacionais, associaram-se, respectivamente, aos dois maiores bancos chineses, o ICBC e o China Construction Bank, para megaoperações no país. (Reuters, 25 de maio de 2021.)

* Agradecemos a leitura da linguista Florence Carboni

MAESTRI, Mário. 1. **O Despertar do Dragão. O Nascimento do Imperialismo Chinês.** A Revolução Chinesa, o Grande Salto Adiante, A Grande Revolução Cultural proletária. (1949-1978) Cadernos do GPOSSHE On-line. 2021-05-23.
<https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/5485>

MAESTRI, Mário. 2. **O Despertar do Dragão. O Nascimento do Imperialismo Chinês. O Despertar do Dragão.** A Via Chinesa da Restauração Capitalista. (1978-2002). ESTUDIOS HISTÓRICOS, Centro de Documentación Histórica del Río de la Plata y Brasil. Dr. Walter Rela, Rivera, Uruguai, julho de 2021.

MAESTRI, Mário. 3. **O Despertar do Dragão. O Nascimento do Imperialismo Chinês..** O Confronto Imperialista USA - China (2002-2021). Revista Espaço Acadêmico, setembro/outubro de 2021
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/about/submissions> (no prelo.)

Bibliografia citada:

BERGÈRE, Marie-Claire, **La Chine de 1949 à nos jours.** 3 ed. PARIS: Armand Colin, 2000.
BETTELHEIM, Charles. **Questions sur la Chine, après la mort de Mao Tsé-toung.** Paris: Maspero, 1978.

BUCHARIN, N. & PREOBRAZENSKIJ, E. **L'accumulazione socialista.** Roma: Riuniti, 1973.
CARR, Edward H. **La rivoluzione bolscevica.** 1917-1923. Torino: Einaudi, 1964.

China multa Alibaba em US\$ 2,8 bilhões por práticas monopolísticas. IstoÉdinheiro, 1217, 09.04.2021. <https://www.istoedinheiro.com.br/china-multa-alibaba-em-us-28-bilhoes-por-praticas-monopolisticas/> acessado em 28.04.2021.

COHEN, Stephen. **Bukharin: uma biografia política: 1888-1838.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

DINUCCI, Manlio. **La lotta di classe in Cina.** 1949-1974. Milano: Mazzotta, 1975.

Estado de Minas Internacional. Apesar de Trump, os estudantes chineses ainda sonham com os EUA 15/08/2020.
https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/08/15/interna_internacional,1176440/a-apesar-de-trump-os-estudantes-chineses-ainda-sonham-com-os-eua.shtml acessado em 28.04.2021.

FSP. Fundador do Alibaba diz que cultura de horas extras é uma "grande bênção", Folha de São Paulo, 12.abr.2019 <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/fundador-do-alibaba-diz-que-cultura-de-horas-extras-e-uma-grande-bencao.shtml> acessado em 28.04.2021.

GUILLERMAZ, Jacques. **La Chine Populaire.** 7 ed. Paris: PUF, 1959.

INFORMONEY, 28 dez 2020. <https://www.infomoney.com.br/mercados/ant-do-bilionario-jack-ma-comeca-a-se-tornar-pesadelo-para-investidores-globais-veja-os-cenarios-para-a-empresa/> acessado em 28.04.2021.

LETIZIA, Vito. A pesada herança histórica da China moderna. *A grande crise rastejante.* São Paulo: Caros Amigos, 2012. P. 63-137.

MAESTRI, Mário. USA-China: a guerra está próxima? América Latina, 25/06/2019.
<https://www.alainet.org/es/node/200634> acessado em 28.04.2021.

MAESTRI, Mário. O Despertar do Dragão. O nascimento do Imperialismo Chinês. 1. Parte. Revolução e Contra-Revolução na China (1949-1978). Cadernos GPOSSHE, On Line, Fortaleza, v.4, número único, 2021. 24 p.
<https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/5485/4265> acessado em 28.04.2021.

- MAITAN, Livio. **Partito, esercito e masse nella crise cinese**: un'interpretazione marxista della rivoluzione culturale. Roma: Samonà e Savelli, 1969.
- MANDEL, E. Le premesse di una rivoluzione antiautocratica. (1990). MAITAN, L. (org). *La Cina di Tiananmen*. Bolsena: Massari, 1999.
- Massacre de Tiananmen : un récit cauchemardesque tiré d'archive. Le Monde, 23/12/2017. https://www.lemonde.fr/international/article/2017/12/23/massacre-de-tiananmen-un-recit-cauchemardesque-tire-d-une-archiv-britannique_5233946_3210.html?xtref=https://www.google.fr/ acessado em 28.04.2021.
- MERCATANTE, Esteban. Los contornos del capitalismo en China. 16.08.2020. Diario La Izquierda. <https://www.laizquierdadiario.com/Los-contornos-del-capitalismo-en-China> Acessado em 28-04.2021
- MOLINA, Tatiana. Desenvolvimento chinês e segurança energética. Revista de Estudos Estratégicos, 2019, IEE, UFF. <http://www.rest.uff.br/index.php/rest/article/viewFile/147/131> Acessado em 28-04.2021
- MORAIS, Isabela Nogueira de. Desigualdades e políticas públicas na China: investimentos, salários e riqueza na era da sociedade harmoniosa. IN: CINTRA, M. et al. (Org.) *China em transformação : dimensões econômicas e geopolíticas do Desenvolvimento*. : Ipea, 2015. p. 237-275. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/150918_livro_china_em_transformacao.pdf acessado em 28.04.2021.
- MOTOSI, G. Chen Yun anticipa la centralizzazione fiscale e monetaria. Lotta Comunista. Novembre 2020, n° 598.
- MOTOSI, Giulio. Tiananmen rivela l'equilibrio dei poteri. Lotta Comunista, n. 599-600, luglio-agosto 2020. n° 599-600.
- MOTOSI, Giulio. La socialdemocrazia dall'alto di Zhao Ziyang. Lotta Comunista, novembre de 2020, n° 603.
- PEDROZO, Gustavo E. A via chinesa de desenvolvimento e o papel das empresas estatais na dinamização da economia. Aurora, III, 4, julho de 2009 p.47-8.. <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1207>. Acessado de 28.04.2021.
- PELANDA, Carlo. **Nova Pax**: La riorganizzazione globale del capitalismo democratico. Milano; Franco Angel, 2015.
- Perspective Monde. Déclaration de Deng Xiaoping incitant les Chinois à s'enrichir. 18 janvier 1992. <https://perspective.usherbrooke.ca/bilan/servlet/BMEve?codeEve=1151>
- PORTAL APRENDIZ, O grande salto da educação chinesa, 08/08/2005. Portal Aprendiz. <https://portal.aprendiz.uol.com.br/content/o-grande-salto-da-educacao-chinesa> Acessado em 28.04.2021
- PREOBRAZENSKY, Eugênio. **A nova economia**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- REUTERS, China approves Goldman Sachs, ICBC joint wealth management venture. May 25, 2021. <https://www.reuters.com/business/china-approves-goldman-sachs-icbc-joint-wealth-management-venture-2021-05-25/> Acessado em 28.04.2021
- SANJUAN, Thierry. **Atlas de la Chine**. Paris: Autrement, 2016.
- SERGE, Victor. **La lotta di classe nella rivoluzione cinese del 1927**. Roma: Samonà e Savelli, 1971.
- SHAO-CHI, Liu. **Scritti scelti**: 'la linea nera'. Roma: Samonà e Savelli, 1970.
- SHAO-CHI, Liu. **Come diventare un buon comunista**. Milano: Oriente, 1965.
- SPERANCETE, L. F. M. & Martins, M. A. F. Da periferia rumo ao centro do capitalismo: a ascensão econômica internacional da China entre 1978-2008. Belo Horizonte, 23-

26/07/2019. Trabalho completo - 7º Encontro Nacional da ABRI
<https://www.encontro2019.abri.org.br> > arquivo Acessado em 28.04.2021.

TROTSKY, León. **La Révolution Trahie**. In: De la révolution. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963.

ZEMIN, Jiang. Teniamo alta la grande bandiera della teoria di Deng Xiaoping per un'avanzata integrale della causa della costruzione del socialismo con caratteristiche cinesi del XXI secolo. Rapporto presentato al 15º Congresso del Partito Comunista Chinese, 12 settembre 1997.) Napoli: La Città del Sole, 2000. (Per la critica dell'ideologia borghese. Collana di interventi e documenti diretta da Domenico Losurdo.)

(ZIYANG, Zhao). **Prisioneiro de Estado**. O Diário Secreto de Zhao Ziyang. Trad. de Ana Glória Lucas. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

(Traduzimos ao português as citações em italiano, francês e espanhol.)